

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA

**22^a REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA
BRASÍLIA, 16 A 19 DE JULHO DE 2000**

**FÓRUM DE PESQUISA 15:
SIMPÁTICA ANTROPOLOGIA: EMPATIA E ANTIPATIA NA PRÁTICA ANTROPOLÓGICA.
PROXIMIDADE E DISTÂNCIA COM RELAÇÃO AO OBJETO DE PESQUISA**

**Coordenadores e Debatedores:
Livio Sansone (UERJ)
Michel Agier (ORSTOM/CNRS)
Rosário de Carvalho (UFBA)**

Uma das formas, talvez a principal, utilizadas pelos antropólogos para estabelecer um diálogo com seu objeto de pesquisa tem sido a procura de empatia com a situação e o comportamento deste. Isso tem sido mais manifesto na pesquisa realizada em sociedades complexas. Na prática do trabalho de campo, o antropólogo quer amar seu objeto, e quer ser querido por ele. Trata-se de uma procura que visa tornar o antropólogo num, digamos assim, *ethnic insider*. Os limites da observação participante, desde sempre algo relativo, se tornam nestes casos mais flexíveis ainda. Essa procura por empatia e simpatia, presentes em diferentes estilos etnográficos, inclusive naqueles que preferem se definir de 'dialogicos', pode render imagens e discursos não acessíveis por outros meios, mas traz consigo algumas importantes conseqüências. Em primeiro lugar, no esforço de descrever seu objeto de forma simpática, o antropólogo não somente tende a descrever 'sua' comunidade ou grupo objeto de pesquisa com algo mais homogêneo, integrado e harmônico de como ele seria descrito por outros olhares, mas ele pode até se tornar num dois mais prestigiosos - e prestigiados - porta-vozes da comunidade, grupo ou religião em questão. Em segundo lugar, esta simpatia antropológica é bastante seletiva como salienta a preferência pelo povos e causas 'apolíneas' presente entre muitos dos pais e mães da antropologia como Ruth Benedict, Margaret Mead, Ruth Landes, Melville Herskovits e Roger Bastide. É preciso discutir esta problemática, se livrando da visão do mundo romântica que o acompanha - feita de dicotomias e oposições binárias - na convicção que, hoje, a antropologia está sendo vítima do jogo do essencialismo étnico e cultural - um jogo por todos nós abominado, mas que a própria antropologia tem, em muitos casos, ajudado a criar. Esse Fórum apresenta contribuições originais de uma variedade de pesquisadores, júnior e sênior, de diferentes universidades e que pertencem a circuitos diferentes. Será dada ênfase particular ao caso do estudo da etnicidade e da religião. Os temas abordados vão desde o antropólogo em trance até o antropólogo como porta-voz étnico, os pró e contra da condição de *ethnic*

insider no caso dos descendentes de Japonês, passando pela relação antropólogo-índio no Nordeste, o autêntico 'caso de amor' de alguns antropólogos estrangeiros com os afro-brasileiros chegando à sincera antipatia que muitos pesquisadores nutrem para os novos pentecostais.

ROGER BASTIDE E A ÁFRICA NO BRASIL: POESIA E CONVERSÃO.

Fernanda Arêas Peixoto (Unesp/Araraquara)

Esta comunicação visa discutir as formulações de Bastide acerca as possibilidades de apreensão da África no Brasil, que têm início por ocasião da leitura dos poetas modernistas e da literatura afro-brasileira. O acesso às Áfricas brasileiras - inseparável da compreensão da cultura brasileira e dos compostos sincréticos que a constituem - só se viabiliza pela definição de um ponto de vista que permita alcançá-las. O que os modernistas ensinam a Bastide é que o acesso ao “outro” depende de um esforço de “conversão” do intérprete. Conversão definida como poética, expressão do mergulho na realidade estudada e que, posteriormente, se efetiva como “conversão religiosa”.

As reflexões metodológicas de Bastide problematizam não apenas o alcance e os limites da explicação sociológica, como também a construção de uma narrativa capaz de traduzir o mais fielmente possível uma dada realidade.

ANTROPOLOGIA (ANTROPÓLOGOS) E ÍNDIOS NO NORDESTE.

Maria Rosário de Carvalho (UFBA)

Lévi-Strauss (“Introdução a Obra de Marcel Mauss”, Sociologia e Antropologia, Vols. I e II, pp. 16-7), evocando Mauss, preconiza que, para compreender “convenientemente” um fato social, é preciso apreendê-lo totalmente, “isto é, de fora, como uma coisa, mas como uma coisa da qual, entretanto, é parte integrante a apreensão subjetiva (consciente e inconsciente) que conseguimos se, inelutavelmente homens, vivêssemos o fato como indígena, em vez de observá-lo como etnógrafo. (...)”. Ora, o mesmo Lévi-Strauss dirá, em seguida, que tal ambição só é viável se a apreensão interna (a do indígena, “ou pelo menos a do observador enquanto revive a experiência indígena”) for transposta nos termos da apreensão externa. Eu suponho que nós, antropólogos, ou muitos de nós, muito atentos às recomendações dos ancestrais, terminamos por reificar, teórica e metodologicamente, a distinção entre a apreensão subjetiva e a objetiva, aparentemente deslocando a primeira, exacerbada pelas idiosincrasias de ordens variadas, para os diários e outros documentos pessoais, deixando, em troca, a cena etnográfica livre para o exercício da objetividade, para o que alguns já denominaram de realismo etnográfico. O exemplo de Malinowski, que confiou os sentimentos mais profundos acerca dos observados ao seu diário de campo, é o mais célebre, mas seguramente não o único. Entre nós, e especialmente sobre os índios do Nordeste, entre os quais estive brevemente, em 1939, Curt Nimuendaju expressou violenta intolerância através de cartas em que não disfarçava o seu preconceito contra os *Pataxó* e outros grupos do sul da Bahia, considerados “polichinelos indígenas com os quais, em tal

ambiente, nenhum trabalho científico foi possível empreender. (...)” (“Carta a F. Edelweiss” Universitas (7/8). Salvador:UFBA). Pretendo, mediante um exercício mais ou menos sistemático de consulta à literatura produzida (aquela anterior à década de setenta, de inspiração culturalista, e pós-setenta, em que predominam os estudos étnicos) sobre essa área etnográfica, perscrutar a simpatia, e, ou, a antipatia dos antropólogos pelos seus objetos de pesquisa, e avaliar como tais sentimentos (entendidos como compondo as condições de possibilidade de produção da pesquisa) interferem nos cenários etnográficos.

PIERRE VERGER, TRAJETÓRIA DE VIDA E PESQUISA ANTROPOLÓGICA.

Iara C. P. Rolim (Unicamp)

Nas últimas décadas, na história da antropologia, a relação complexa entre o pesquisador e o pesquisado tem sido muito questionada e quase sempre retratada como polarizada entre a posição do narrador (que tem o poder da criação da representação da diferença cultural) e o representado (sem poder, sem intenção). Dentro desta linha de análise, a apresentação deste texto, será sobre esta polaridade hierárquica, tendo como base para discussão a importância da trajetória de vida do pesquisador para o direcionamento de sua produção e o alto grau de passividade dado ao pesquisado. Esta discussão se desenvolverá através da participação de Pierre Verger no campo da antropologia.

NEM PERTO DEMAIS, NEM LONGE DEMAIS: ETNOGRAFIA E ENGAJAMENTO INTELLECTUAL

Michel Agier (ORSTOM/CNRS)

A profissão do antropólogo se diferencia por estar fundada na experiência de campo que abarca também, de forma indispensável, um envolvimento pessoal do pesquisador com seus interlocutores e nos lugares, geralmente 'estrangeiros', onde ele trabalha. É a propósito desta experiência participativa (e relativamente longa: muitos meses ou anos) e a propósito de todas suas chamadas em causa que é preciso aprofundar o debate entre cientistas sociais, em particular, aqueles que se sentem "empenhados" no campo.

OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE E ESCRITA ETNOGRÁFICA: A PESQUISA ANTROPOLÓGICA EM COMUNIDADES RELIGIOSAS AFRO-BRASILEIRAS

Vagner Gonçalves da Silva (USP)

O trabalho de campo, processo através do qual o antropólogo observa de perto a comunidade pesquisada para interpretá-la, desempenha um papel fundamental na definição da antropologia como ciência da alteridade ou da crítica cultural. Neste trabalho proponho analisar alguns aspectos do trabalho de campo, enfocando principalmente a relação

observador-observado tal como esta se apresenta nos depoimentos dos antropólogos e das pessoas por estes entrevistadas. Procuo, ainda, analisar a produção dos textos etnográficos e suas conseqüências para os grupos pesquisados. O campo empírico de referência para a discussão proposta é o das comunidades religiosas afro-brasileiras cujos estudos, além de marcar uma vertente inaugural da antropologia brasileira, têm colocado certas questões relevantes como os limites entre observação e participação e os múltiplos significados que as etnografias dessa área vêm estabelecendo na legitimação ou transformação das tradições religiosas em conseqüência do contato e alianças existentes entre o universo da academia e dos terreiros.

PERSPECTIVAS SOBRE A PRODUÇÃO DA “CULTURA BAIANA”.

Osmundo de Araujo Pinho (Unicamp)

O ambiente cultural e intelectual em Salvador parece retroalimentado pelo modelo do pensamento único que naturaliza diferenças ao tempo em que reproduz, sem as devidas considerações, estereótipos e mitos muitas vezes produzidos em interações desiguais. Nesta apresentação o autor pretende apontar pontos de vista e perspectivas multi-posicionadas sobre a cristalização desse ambiente de sentido que parece se conformar como uma rede densa e nebulosa que, como um campo de partilhado e “*taken for granted*”, permite uma interpretação folclorizante e acrítica da Cultura Baiana como “Idéia de Bahia”. A interrelação de discursos de natureza diversa e a promiscuidade entre ideologia e interpretação deverá ser explorada a partir de materiais e campos discursivos diversos, incluindo-se iconografia.

UMBIGO AMBÍGUO.

Elisa Massae Sasaki (Unicamp)

Neste trabalho apresento o meu relato pessoal de ser pesquisadora nikkei (descendentes de japoneses nascidos fora do Japão) que estuda sobre a população nipo-brasileira. As entrevistas realizadas com os dekasseguis (descendentes de japoneses que têm migrado para o Japão como mão-de-obra barata e desqualificada) colocaram a pesquisadora numa situação de liminaridade de ser insider (enquanto nikkei) / outsider (enquanto pesquisadora) da população estudada. Este caso é um exemplo de um debate mais amplo das ciências sociais sobre a relação pesquisador/objeto.

DE EMBRANQUECIDOS A CONSUMIDORES: O DISCURSO SOBRE ASCENSÃO SOCIAL DOS NEGROS NO BRASIL.

Angela Figueiredo (IUPERJ)

Na literatura sócio-antropológica brasileira a ascensão social dos negros é analisada de forma maniqueista, enfatizando-se sempre a problemática do embranquecimento ou branqueamento, a que estão submetidos os negros que ascendem. Frequentemente, chega-se a esta conclusão a partir da comparação entre os negros inseridos nas camadas populares, em oposição aos negros que ocupam melhores lugares na estratificação social, destacando-se, portanto, a importância da cor e não a classe. Os negros que ascendem não desfrutam da mesma simpatia dos pesquisadores, se comparamos com os estudos sobre as classes populares; falta curiosidade para entender como estes indivíduos interpretam e elaboram suas próprias experiências. Entretanto, atualmente a mídia tem focado a importância do potencial do consumidor negro brasileiro de classe média. Neste texto, tenho como objetivo abordar tanto as interpretações acerca da ascensão social dos negros no Brasil como a estreita relação construída pela mídia entre "classe média negra" e consumo.

DE ÁFRICA A AFRO: ANTROPÓLOGOS NACIONAIS E ESTRANGEIROS E A "COMODITIZAÇÃO" DA CULTURA NEGRA NO BRASIL.

Livio Sansone (UCAM/UERJ)

Antropólogos e historiadores têm tido um papel central no processo de comoditização da cultura afro-baiana, tanto daquela tradicional como da mais moderna. É importante analisar em torno de quais itens tem se coagulado este processo, assim como pesquisadores e porta-vozes da comunidade negra têm se seduzido reciprocamente. Também é necessário analisar qual é o papel dos pesquisadores no intercâmbio simbólico e material entre as versões baianas da cultura negra, as culturas negras em outras regiões do Atlântico Negro e, em época mais recente, a cultura negro-juvenil globalizada. Uma vez comoditizados, os objetos que constituem a cultura negra viajam, muitas vezes, muito e para longe. Neste trabalho se traça uma biografia destes objetos, analisando produção, qualidade, direção e hierarquias nesses intercâmbios entre centros e periferias do Atlântico Negro. O trabalho enfoca a 'história de amor' entre antropólogos e cultura negras, se baseando em pesquisa em Salvador e no Rio de Janeiro entre jovens negro-mestiços de classe baixa e, em medida menor, negro-mestiços de classe média.

A ANOMIA SOCIAL DO PESQUISADOR NEGRO. LIMITES PARA EMPATIA E ANTIPATIA NO CAMPO DE PESQUISA.

Ari Lima (UFBA/UnB)

A Antropologia sobre o Negro no Brasil é marcada pela contribuição vicinal de importantes pesquisadores brancos e estrangeiros. São raros os casos em que o negro migra da sua posição original de objeto de representação e constrói, com todos os riscos possíveis, um saber reflexivo sobre o significado da sua diferença num contexto de relações sociais

assimétricas, reguladas pelo preconceito de cor e discriminação racial. A Bahia, neste sentido, é exemplar. O cotidiano baiano compõe ainda um quadro instigante, magnético, pleno de “excessos” simbólicos que deixam estupefato o pesquisador branco e estrangeiro. Rotinizado pelos “nativos” afro-baianos, este tipo ideal favorece uma expectativa em relação à figura do pesquisador que deve ser branco, estrangeiro, masculino e heterossexual. O(a) pesquisador(a) negro(a), hetero ou homossexual constitui, portanto, neste contexto etnográfico, uma anomia social uma vez que o treino intelectual ao qual é submetido subtrai sua condição racial e o status que possui no campo de pesquisa. Pretendo então desenvolver uma reflexão sobre mecanismos de visibilização e invisibilização do pesquisador negro, relações de sujeição e subordinação entre pesquisador e informantes promotores de empatia tanto quanto de antipatias no campo a partir da pesquisa sobre a experiência do samba na Bahia que atualmente realizo.

GÊNERO – CAMPO DE ENCONTROS E DESENCONTROS.

Alda Britto da Motta (NEIM/UFBA)

A pesquisa funda uma relação, ou uma sequência de relações, busca de conhecimento e intersubjetividade, em um determinado tempo. Essas relações, não raro, prolongam-se, transformando-se em amizade, adesão ou militância em projetos e causas; ou, por outro lado, redundam em estranhamentos ou recusas. Na oportunidade de discussão desta questão instigante e sempre presente, proponho traçar uma espécie de “linha da vida” de pesquisadora, no contato com alguns grupos ou segmentos sociais urbanos, refletindo sobre os “comos” e os “porquês” dessas escolhas temáticas e dos resultantes sentimentos e posturas comportamentais e analíticas, não raro inesperados.

Nessa trajetória, a condição de gênero tem estruturado interesses, expectativas comportamentais e identitárias e resultados alcançados, em dinamismo ambivalente com outras dimensões relacionais da vida, como as de geração, ‘raça’ e classe. Por isso mesmo, a simpatia, antipatia ou ‘empatia’ parecem resultar tanto do alcance como da impossibilidade de intersubjetividade, como também – e principalmente – da existência inescapável de certas condições ou posições identitárias dos sujeitos, nas dimensões de gênero, geração, etnicidade e classe social.

DO TERREIRO AO CLAUSTRO ACADÊMICO: AS VICISSITUDES DA CONSCIÊNCIA DO ANTROPÓLOGO.

Rita Segato (UnB)

O trabalho examina os dilemas e vicissitudes que a autora enfrentou ao transitar entre sua prática de pesquisa nas religiões afro-brasileiras e suas tarefas como professora numa

instituição pública, num campo disciplinar onde os alunos negros são escassos e suas especificidades raramente levadas em conta.

ETHOS ACADÊMICO E VALORES PENTECOSTAIS: SOCIÓLOGOS E ANTROPÓLOGOS EM DEBATE?

Patricia Birman (UERJ)

Já não é de hoje que os antropólogos, estes especialistas no trabalho de relativização, se rendem e reconhecem as suas preferências, simpatias e antipatias pelos grupos religiosos que estudam. Tradicionalmente, como já analisou Peter Fry em relação aos cultos de possessão, “preferimos” o candomblé à umbanda como, em outras circunstâncias, as comunidades de base ao catolicismo popular, ou os cultos esotéricos ao espiritismo kardecista. Mas o destino que é dado a estas reflexões, ou melhor, a estes modos de classificar os grupos religiosos, tem sido em geral de mantê-los à margem da produção acadêmica em lugar de integrá-las como parte do trabalho e também da dinâmica da sociedade na relação com estes grupos. Sabemos também que este trabalho de relativização não é praticado, ao menos com o mesmo empenho, e portanto com ainda menores resultados, entre os sociólogos. Temos pontos de partida diversos já que o lugar atribuído ao pesquisador não é o mesmo nas duas tradições disciplinares. O pentecostalismo (diferente do que vem acontecendo em relação aos cultos de possessão) hoje tem sido objeto de estudos por parte das duas tradições disciplinares despertando em ambos, sociólogos e antropólogos, um visível mal-estar, que acompanha de modo geral as reações de desgosto que o pentecostalismo desperta entre as camadas mais intelectualizadas da sociedade. Se alguns antropólogos de alguma maneira tentam “relativizar” este tipo de reação dominante, aparentemente entre os sociólogos haveria uma certa tendência a fazer o caminho inverso: buscar as boas razões sociológicas para melhor justificá-la. Contudo, uns e outros permanecem frequentemente embaraçados diante dos seus próprios motivos e considerações. Tentaremos analisar estas dificuldades buscando não somente relacioná-las com o que poderíamos considerar como particularidades destes dois *ethos*, calcados em tradições disciplinares diversas, bem como perceber por quais caminhos e descaminhos estes problemas são enfrentados por uns e outros.

SOCIOLOGIA DA RELIGIÃO: EIS UMA ÁREA IMPURAMENTE ACADÊMICA.

Flavio Pierucci (USP)

Impuramente acadêmica ou academicamente impura? Qual deve ser o adjetivo, qual o adverbio? Pouco importa a ordem dos fatores, desde que ela recolha o fato de que para a maior parte dos cientistas sociais que estudam religião no Brasil, sociólogos e antropólogos,

existe especial dificuldade de decidir até onde, em seu trabalho intelectual, vai a ciência e até onde vem a religião. Dificuldade seria de demarcar o contraste com a não-ciência, de demarcarem-se reflexivamente como cientistas, sabendo onde começa uma e onde termina a outra, assim como suspeito de que há, da parte dos leitores, a dificuldade correlata de saber se os autores não estariam na verdade falando a respeito de si mesmos. Dilemas que se exponenciam quando o autor se mete a estudar sua própria religião. O que, aliás, também costuma acontecer. É muita "illusio" dumavez só, diria Bourdieu

A CENA POLÍTICA DO XANGÔ DO RECIFE.

José Jorge de Carvalho (UnB)

Tensões entre antropólogos locais e pesquisadores forâneos na negociação de pactos cognitivos e pessoais com lideranças religiosas. Minha reflexão visa ampliar o desdobramento vigente na Antropologia dos países centrais do que seja a relação entre antropólogos locais e metropolitanos. Até o momento em que fiz pesquisa de campo no Recife todos os autores que haviam escrito sobre (e inscrito) os xangôs no mapa das religiões afro-brasileiras eram recifenses que residiam na cidade. Sua inserção na realidade social suburbana, pobre e periférica das casas de santo necessariamente passava por recortes de classe, status e capital simbólico os quais me foram inteiramente alheios. A questão central, porém, é a da empatia com os líderes religiosos, de cuja relação surgia o que denomino a cena política do xangô: uma triangulação rica, tensa e ambígua entre minha posição e as alianças locais de poder entre líderes e pesquisadores. Meu interesse é investigar as várias dimensões dessa cena e em que medida ela contribui para uma conceituação mais rica dos dilemas empatia-simpatia-antipatia na prática etnográfica atual.

NATIVOS DE PAPEL. ALGUMAS POSSIBILIDADES DE COMPARAÇÃO EM TORNO DA NOÇÃO DE “TRABALHO DE CAMPO”, EM HISTÓRIA E ANTROPOLOGIA.

Cláudio Costa Pinheiro (MN/UFRJ)

Em antropologia, desde Malinowski, costuma-se tomar a experiência de “**pesquisa de campo**” – o “**trabalho de campo**” – como o *mito fundador* (o *rito de passagem*) que institui a identidade profissional (e pessoal) do antropólogo. Nesse sentido, desde algumas décadas vem se consolidando neste campo de estudos, uma bibliografia especialmente preocupada em refletir sobre este aspecto (a experiência de campo) e suas conseqüências e constrangimentos na determinação, mais propriamente, dos caminhos e descaminhos da

própria produção do conhecimento da disciplina. Embora tento feito um mestrado, e estando agora num doutorado em antropologia, meus principais investimentos não foram feitos privilegiando-se uma metodologia e um “campo” *stritu sensu* antropológicos. Trabalhei, mormente, com pesquisas historiográficas em arquivos e bibliotecas, o que me colocava à margem da experiência que funda a identidade de antropólogo. O contato com aquela bibliografia – usualmente chamada de “pós-moderna” da antropologia –, me fez refletir sobre a experiência que funda a identidade do historiador, de maneira análoga àquela do antropólogo: “o trabalho de arquivo.” Assim, o presente ensaio procura observar em que medida as duas experiências – “trabalho de campo” e “trabalho de arquivo” – se aproximam e se afastam e podem servir para pensar o quanto as idiosincrasias do processo de pesquisa podem definir linhas de conhecimento nos dois campos.

UMA DISCRIÇÃO TENSA

Lígia Dabul (MN/UFRJ)

Neste trabalho pretendo descrever e refletir sobre uma situação limite de observação participante: ao freqüentar a Escola de Artes Visuais do Parque Lage, importante escola de artes do Rio de Janeiro, para pesquisar a constituição de identidades de *artista* junto àqueles que começavam a envolver-se com a chamada arte contemporânea, deparei com total familiaridade com meu objeto. Diferente de todas as outras experiências de pesquisa que havia tido, tal como relatam diversos antropólogos que trabalham em área urbana, agora meu pertencimento era dado. Relacionava-me com indivíduos brancos, não pobres, moradores da zona sul carioca, e havia predominância de mulheres, muitas da minha faixa etária. Ao longo dos dois anos de investigação, ocupei lugares sociais já constituídos, todos eles viabilizadores das tarefas de pesquisa e da inserção necessária para a observação que pretendia fazer: *freqüentadora do Parque Lage, pesquisadora, aluna de pintura*. Além disso, pesquisava (e assim me interessava) o mundo da arte, crédito para ali estar fazendo o que fazia. Decorria destas cômodas posições a sempre incômoda sensação de nada estranhar, a disposição de aderir ao sociologizado discurso de diversos daqueles atores sociais atestando minha dificuldade de ultrapassar a teoria nativa (minha também) a respeito de aspectos cruciais do objeto que pretendia construir. À dificuldade de estranhar somava-se a de acionar uma teoria da pesquisa que desse conta desta circunstância de *sentir-me* nativa, e dos tantos empecilhos para a investigação que percebia e antevia dela decorrer. O relato desta experiência de desinserção, e a sua importância para que pudesse observar aspectos do objeto e chegar a determinadas formulações sobre ele, constituirão o eixo de minha exposição.

O PRETO VELHO E A HERANÇA AFRICANA

Eufázia Cristina Menezes Santos (UFS)

Na primeira parte deste trabalho evidencia-se a riqueza da construção simbólica em torno da figura dos Pretos Velhos. Procura-se destacar o conjunto das representações sociais que tomam parte ou estão subjacentes na sua elaboração, considerando a particularidade étnica e racial da personagem. O folclore e a literatura são consideradas como instâncias produtoras dos estereótipos, clichês e caricaturas que serviram de base para sua versão religiosa. Na segunda parte discute-se a relação do preto velho com a cultura africana no Brasil. No que tange a este ponto, apresento a hipótese do seu reconhecimento no campo religioso como ancestral brasileiro, estatuto conferido inicialmente por esta instância e só posteriormente apropriado pelo Estado e por alguns segmentos da sociedade civil, num contexto marcado pela temática nacionalista. Neste estudo marca-se a idéia de que a densidade social e cultural da personagem não é informada somente pela sua cor (trata-se de uma representação social do negro escravo, elaborada por uma sociedade que esteve sob o regime escravocrata por três séculos), mas também, pelo conjunto de temas sociais, culturais e religiosos que ela veicula: nacionalismo, relações raciais, hierarquia, racismo, identidade, escravidão e família.

EMIGRANTES BRASILEIROS PARA OS EUA E A (RE)CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL

Gláucia de Oliveira Assis (UDESC/Unicamp)

Este trabalho pretende discutir alguns aspectos do recente fluxo de brasileiros para os EUA procurando perceber sua configuração enquanto um grupo étnico. Sendo esta uma emigração recente, as reflexões que realizo são uma tentativa de compreender como o processo de construção uma comunidade étnica conduz os imigrantes a reconstruírem sua identidade nacional neste contexto de culturas em contato. Para explicitar os momentos dessa construção analiso trabalhos de Margolis (1994), Sales (1995) e Assis (1995) os sobre emigrantes brasileiros procurando evidenciar as continuidades e discontinuidades sobre o que a comunidade brasileira pensa acerca de si mesma., bem como apontar como as diferentes autoras analisaram o processo de formação dessa comunidade. Desta forma procurei demonstrar os vários momentos da construção de nossa distinvidade entre nós e os outros analisando como a auto-imagem e as narrativas dos brasileiros sobre si mesmos foram se modificando. Neste ponto analisarei como, neste processo de reconstrução da identidade, os símbolos identitários selecionados pelos emigrantes são sempre os que reportam a um imaginário edênico do Brasil. Este imaginário muitas vezes essencializa certos aspectos de nossa identidade étnica, aqueles que consideramos mais positivos,

alegres e homogeneizantes da mesma. Problematizar estas construções seria o desafio deste trabalho.

GILBERTO FREYRE: «LES INTERMITTENCES DU COEUR». (DA ENDO-ETNOGRAFIA A AUTO-ANTROPOLOGIA).

Antônio Motta (UFPE)

Um dos velhos axiomas cultivados até bem pouco tempo pela Antropologia é que o olhar etnográfico, igualmente a história e a sociedade que o acomodam, só poderia de fato existir como tal desde que afastado, senão fisicamente, pelo menos culturalmente do objeto ao qual ele se refere. Ou seja: longe pela cultura e perto pela geografia, conforme apregoa um dos corolários mais conhecidos de Claude Lévi-Strauss. No caso de Gilberto Freyre, uma perspectiva oposta de olhar já se delineava espontaneamente nos anos trinta, cujo axioma se poderia assim resumir: perto tanto pela cultura quanto pela geografia de seu próprio país. Sob esse ângulo, o que define a noção de outro ou de alteridade em Gilberto Freyre é, em última instância, a interioridade da observação etnográfica vis-à-vis o objeto de estudo. Com efeito, a experiência etnográfica por ele realizada foi frequentemente marcada pelo signo do intra-muros, isto é, pela sua proximidade físico-cultural com o objeto contemplado. É esta proximidade que, em diferentes momentos de sua trajetória intelectual, passou a comandar o protocolo de sua observação e percepção da realidade e com ela, sem dúvida, a noção de alteridade.

Os primeiros anos posteriores ao regresso de Freyre ao país, depois dos cinco anos vividos nos Estados Unidos, ao que tudo indica, são marcados por uma mudança progressiva em relação a sua postura de olhar e de perceber a alteridade interna. No momento inicial de regresso ao país, prevaleceria nele um efêmero estranhamento na condução do processo de observação etnográfica, através daquilo que Lévi-Strauss metaforicamente chamaria de olhar distanciado (*le regard éloigné*). Mas logo em seguida, na medida em que Freyre começava a se reintegrar familiarmente no contexto de origem, começaria a não mais reconhecer a distância ente ele e seu objeto de estudo. Inclino-me a considerar que a proximidade física e afetiva começaria também a comandar os seus interesses antropológicos imediatos e, sobretudo, aquele de reconstituição histórica de seu objeto. Isto porque é a sociedade e o grupo do qual ele, Freyre, fazia parte que serão definidos como objeto de seu próprio estudo. Tal escolha, me parece, implica menos a noção de distanciamento espacial e sobretudo temporal (já que seu estudo se situa numa perspectiva diacrônica) do que na experiência familiar e afetiva (de proximidade), recuperada através da memória, e que o autor pretende não dissociar do estudo. Bastante localizado, o mundo próximo da Casa representa para ele o prolongamento deliberado de seu próprio passado. Neste caso, a restituição do objeto de pesquisado implica, de certa maneira, uma espécie de

projeção fantasmática através da qual ele próprio transformaria, de forma inovadora, em método de análise e de interpretação, deixando-se guiar e fluir pelas vias proustianas: as conhecidas « intermittences du coeur »: « Tornei-me um tanto sociólogo, por um lado, pela curiosidade em torno do que é social no mundo, por outro, pelo interesse do que é social em mim próprio: na minha família, na minha casa, no meu passado ». Partindo dessa perspectiva, a minha proposta será a de explorar, de forma bastante sintética, algumas das modalidades da observação etnográfica através das quais Gilberto Freyre chegou a construir um objeto e manipular certas categorias conceptuais, deixando-se guiar por uma lógica culturalmente determinada.

NEM EXÓTICO, NEM FAMILIAR: PESQUISADORES E MILITANTES EM TORNO DOS QUILOMBOS

Alecsandro J. P. Ratts (USP)

É praxe entre cientistas sociais, notoriamente antropólogos, demarcar a distância estabelecida com o “objeto” de estudo. Quando esse “objeto” emerge como um “novo sujeito político” e quando observador e observado consideram-se muito distantes – pesquisador branco e grupo indígena ou negro - ou, ao contrário, quando essa alteridade parece mínima – pesquisador negro e grupo negro –, a dicotomia do exótico e do familiar e a expressão “observação participante” são insuficientes para abordar o tema. Assim aconteceu na década de 80 entre pesquisadores acadêmicos e militantes negros a respeito das “comunidades negras rurais”. Este trabalho explicita, para essa época, uma polémica que se encontra dispersa em artigos, prefácios, introduções e notas de rodapé. Discute como personagens e confrontos semelhantes reaparecem no debate contemporâneo em torno dos “remanescentes de quilombos”. Pretende ainda situar a trajetória deste antropólogo que se coloca como afro-indígena, urbano, militante do movimento negro, participante da mobilização regional e nacional dos quilombos e que se sente *tão perto, quanto longe de e seduzido por* aqueles com quem procura dialogar e a partir dos quais delimitou um tema de pesquisa

FAZENDO PESQUISA COM OS NOSSOS PARES

Christina de Rezende Rubim (UNESP/Marília)

Este trabalho trata dos antropólogos brasileiros. Mas, ao contrário do que já é tradicional na disciplina – da relação empática entre sujeito e objeto – a minha escolha se deu em função da antipatia que nutria pela antropologia como disciplina microscópica e pontual.

Para poder questionar este saber, precisei me transformar em antropóloga. A construção do conhecimento antropológico sobre o outro, quase sempre é considerado academicamente

como verdade. No entanto, aprendi que não é tão simples acreditar que a antropologia contemporânea é o fruto do diálogo e da negociação entre diferentes, quando o outro de quem falamos não possui autoridade acadêmica para questionar o que produzimos. (FAPESP).

A IMPORTÂNCIA DA ANTROPOLOGIA VISUAL NAS ETNOGRAFIAS ANTROPOLÓGICAS.

Simone Simões Ferreira Soares (UFC)

Durante décadas vários antropólogos desprezaram a associação da fotografia à etnografia, só passando sua importância a ser discutida e aceita a partir da década de 60. Se a observação participante e o discurso do informante são técnicas da pesquisa e da investigação antropológica, acrescentaríamos que a associação da fotografia, filmes, vídeos, a toda etnografia é imprescindível para obtenção de resultados mais fidedignos, precisos e de maior realismo do trabalho etnográfico. Ao narrarmos qualquer fato social pesquisado e o analisarmos através da fotografia ou da filmagem captar-se-á não só aquilo que "enxergamos" a olho nu mas descobrir-se-á através da imagem aspectos que passaram despercebidos ao investigador, ajudando também à compreensão do leitor. Limitar-nos-emos a dar alguns exemplos na literatura antropológica da utilização da antropologia visual, através de autores como Malinowski em Os argonautas do Pacífico Ocidental, as gravuras do Ramo de Ouro de James Frazer, Evans Pritchard em os Nuer, Roberto C. de Oliveira em O índio e o mundo dos brancos, Darcy Ribeiro em Kadiwéu, dentre outros. Nosso objetivo será mostrar a importância da Antropologia Visual nas narrativas etnográficas através do processo imagético.

PESQUISA ANTROPOLÓGICA E COMUNICAÇÃO INTERCULTURAL.

José Sávio Leopoldi (UFF)

A hermenêutica têm estimulado a rediscussão de várias questões concernentes à pesquisa antropológica. Neste trabalho buscou-se privilegiar duas delas, a saber, a relação antropólogo/informante e a chamada 'tradução cultural', que consiste na compreensão de um fenômeno ou dado de uma cultura e sua 'tradução' para a língua/cultura do pesquisador. Referências ao contexto político ideológico em que tais questões emergiram ajudam a compreensão da maneira como elas têm sido encaminhadas. Uma nova postura em relação ao papel do informante/interlocutor contribui para fazer ecoar com mais vigor a voz e a visão da sua comunidade no trabalho antropológico. Ainda assim, pela própria natureza desse trabalho, a 'tradução cultural' não deixaria de refletir a proeminência do papel do antropólogo no resultado da pesquisa

FIQUE FRIO ! UMA ATITUDE DIFÍCIL DE MANTER NESSES TEMPOS DE MUNDIALIZAÇÃO.**Emmanuelle Kadya TALL (IRD/CEA/EHESS)**

A partir de umas experiências de trabalho de campo no decorrer dos últimos vinte anos, nossa proposta vai ser de relatar como é que a distância entre o pesquisador e seu objeto está diminuindo cada vez mais fora de considerações ideológicas. A fluidez das fronteiras tanto spaciais que simbólicas entre as duas partes, decorrente do fenômeno de mundialização, a pressão sobre o antropólogo, tanto por parte dos sujeitos observados quanto por parte dos poderes públicos, fazem com que este encontra-se numa posição onde suas observações empíricas tomam valor político, às vezes, de forma inesperada por dele. Marc Augé no seu estudo dos profetismos africanos relatava que o antropólogo encontrava-se na mesma posição que o profeta na medida em que os dois tinham uma visão perspectiva e futurista das sociedades. O problema hoje em dia, é que o antropólogo na figura de um demiurgo exercita sua profissão com muito mais paixão do que necessário. E assim que nós interpretamos as relações de amor ou de ódio que o antropólogo mantém com seu campo.